

Eleições evidenciam a existência de dois “Brasis”

LILIANA LAVORATTI
SÃO PAULO

Depois da divisão “econômica” de Edmar Bacha, que em 1976 cunhou a expressão “Belíndia” para ajudar na compreensão da complexidade e da diversidade política e econômica dentro do Brasil, em nenhum outro momento da história ficou geograficamente tão explícita, como ficou nesta eleição presidencial, a extremização de pólos dentro do País.



A avaliação é de Marcel Pereira, da **RC Consultores**, após analisar o resultado nos estados. “As eleições deixaram o Brasil literal e geograficamente dividido em dois.” Para ele, os dois “Brasis” — um com padrão compatível à Bélgica e outro mais próximo à Índia — que emergiram das urnas poderiam ser descritos como uma “metade lulista” e outra “alckmista”.

A “metade lulista” engloba a

Continua na página A-6

NOVAES, pag. A-2

CORRIDA PRESIDENCIAL

Eleições evidenciam a existência de dois...

A divisão, entretanto, não seria entre os eleitores menos instruídos e os esclarecidos

LILIANA LAVORATTI
SÃO PAULO

Continuação da página A-1

maior parte do Norte, todo o Nordeste, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A "metade alckminista" concentra o maior centro econômico do Brasil (São Paulo), a região com melhor distribuição de renda (os três estados da região Sul), o alto escalão do serviço público, lotado em Brasília e o corredor do agronegócio, na região de fronteira com o Paraguai, a Bolívia e parte da floresta amazônica.

"Existem dois pesos na balança dividindo o País. De um lado o viés econômico associado à divisão de renda. Houve aumento do poder de compra das camadas inferiores da pirâmide social nos últimos quatro anos, catalisado pela combinação do aumento mais expressivo do salário mínimo nos últimos 25 anos e a baixa inflação, sobretudo no

que se refere ao custo de alimentos, que variaram só 2% em 2005 e começaram este ano em deflação. Isso fez o custo da cesta básica cair de 70% para 55% do valor do salário mínimo entre 2002 e 2006", assinala Pereira.

Embora concorde que a vota-

neficiados com a política do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva é a classe média para baixo", enfatiza.

Khair chama ainda atenção para a tentativa que está sendo feita pelos partidários da candidatura de Geraldo Akckmin

Divulgação



Pereira: viés econômico associado à renda

(PSDB) de depreciar os pobres — que pelo fato de terem menos instrução prefeririam eleger Lula, em contraposição aos esclarecidos eleitores do tucano. "Esta é uma colocação inadequada, pois se a população vê melhoria em sua vida concreta, vota com o governo, do contrário prefere a oposição, por achar que a alternância no poder pode ajudar."

ção dividiu o Brasil, o especialista em finanças públicas e analista político Amir Khair diz que essa cisão não passa pela questão regional, mas sim pela renda. "A divisão é nitidamente entre a classe média para baixo e a classe média para cima. Os mais be-

Também influenciou o voto o viés político, associado a escândalos de corrupção como uma ameaça à democracia. "Essa cisão mostra como cada uma das partes equilibrou esses dois lados da balança e definiu o viés de seu voto", afirma Pereira. Na



opinião dele, outros fatores econômicos também contribuíram a essa divisão. Um dos principais é a taxa de câmbio sobrevalorizada, que de um lado deflacionou os preços no atacado e permitiu o encolhimento da inflação, mas de outro prejudicou os setores voltados ao mercado externo, sobretudo o eixo Centro-Sul, onde Alckmin ganhou mais votos.

Ao olhar para o mesmo objeto de estudo, porém por um ângulo diferente, o cientista político Octavio Amorim Neto, professor da Escola de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV) do Rio de Janeiro, afirma que o crescimento regional influenciou a votação, segundo o site da **BBC Brasil**. Ele constata que a divisão regionais da votação para presidente refletiu o desempenho econômico das regiões bra-

sileiras. Lula teve seu melhor desempenho nas regiões que experimentam crescimento econômico. Já naquelas onde a economia enfrenta problemas, a preferência do eleitorado ficou com o candidato tucano.

Pereira acredita que o segundo turno favorecerá o entendimento de eventuais pontos de mudança na agenda econômica, em decorrência de maior exposição dos programas de governo que deverá ocorrer daqui até o próximo dia 29, quando os 126 milhões de eleitores voltarão às urnas. Ele ressalta que Lula esteja à frente no Norte e Nordeste e Alckmin no Sul e Centro-Oeste, o Sudeste está dividido. Na Bahia, Lula ficou 2,6 milhões de votos à frente de Alckmin; em Pernambuco a diferença superou 2 milhões de votos e em Minas, Lula venceu por 1 milhão.